
**Peregrinos em terra estrangeira: discursos entrecruzados em
O Primeiro Homem, de Albert Camus, e *Terra Sonâmbula*, de
Mia Couto**

Leonardo Bora (Doutorando, Ciência da Literatura, UFRJ)

Tudo portanto, o que em compensação vale
é que as coisas não são em si tão simples,
se bem que ilusórias.

João Guimarães Rosa – Tutaméia

Resumo: No campo dos estudos comparatistas transdisciplinares, o artigo traça reflexões sobre conceitos como *pátria*, *memória* e *fronteira* a partir da comparação dos romances *O Primeiro Homem*, de Albert Camus, e *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. A leitura das obras - ambas ambientadas na África - contribui para que diferentes enfoques das teorizações pós-coloniais sejam debatidos e cotejados.

Palavras-chave: pátria; memória; fronteira; Albert Camus; Mia Couto.

Abstract: In the field of the transdisciplinary comparative studies, the article traces reflections on concepts such as *homeland*, *memory* and *border* when comparing the novels *O Primeiro Homem*, by Albert Camus, and *Terra Sonâmbula*, by Mia Couto. The reading of those works – which stories happen in Africa – contribute to the debate and to a new approach towards the post colonial theory .

Keywords: *homeland*; *memory*; *border*; Albert Camus; Mia Couto.

I – Introdução

A Argélia, ex-colônia francesa, conquistou a sua independência em meados dos anos 50 do século passado, não sem banhos de sangue e explosões de violência que ceifaram milhares de vidas. As relações entre metrópole e colônia, porém, não foram de todo cortadas como os fios de lã que tecem os mantos; ao contrário, sobram resíduos (perigosos, segundo a teórica indiana Leela Gandhi) terminados os processos de independência.¹ Nas páginas literárias do século XX, ninguém retratou a paisagem e os

¹ Leela Gandhi entende que a vontade eufórica de “apagar” o passado colonial gera um quadro ilusório, uma vez que sobram resíduos históricos colonialistas – os quais, se desconsiderados ou naturalizados, podem causar “infecções”, contribuindo para o fomento de preconceitos, exclusões, inclusive para o retorno da lógica imperialista, ainda que travestida e levada a cabo por outros agentes. Nas palavras da autora, “(...) *we might conclude that the postcolonial dream of discontinuity is ultimately vulnerable to the infectious residue of its own unconsidered and unresolved past.*” In: GANDHI,

rostos argelinos com maior projeção internacional que Albert Camus. O escritor, nascido em Mondovi (atual Dréan), construiu uma consistente obra costumeiramente enquadrada nas molduras (questionáveis) do *Existencialismo*,² entre a filosofia e a literatura, tendo sido exaltado por romances como *A Peste* e *O Estrangeiro*, ambos ambientados na Argélia (o primeiro em Oran e o segundo em Argel). De texto firme e palavras secas, Camus é um dos núcleos da análise desenvolvida por Edward Said em *Cultura e Imperialismo*, obra em que o autor amplia o olhar sobre as densas reflexões traçadas em *Orientalismo*, considerado – ironicamente – o cânone da anticanônica teoria pós-colonial.³ Paradoxos à parte, é fato que as mais de trinta páginas dedicadas a Albert Camus permitem a afirmação de que Said, autor fronteiriço de nascimento, entre a Palestina e os Estados Unidos, enxergava na obra de Camus, entre a França colonizadora e a Argélia colonizada, importantes elementos para a construção do seu raciocínio crítico assumidamente descolonial. Ainda que, e eis uma outra contradição, Camus seja considerado, grosso modo, um representante de colonizado que tinha o colonizador introjetado em si, um exemplo de *orientalista*: escrevia sobre a Argélia tendo por horizonte a França; apesar de argelino de berço, o punho expressava a identidade da metrópole européia.

Quando Said publicou *Cultura e Imperialismo*, em 1993, ainda não havia sido publicado o romance inacabado *O Primeiro Homem*, de Camus, cujos originais foram encontrados entre os pertences do escritor na ocasião do seu falecimento, num acidente de automóvel, em 1960. A primeira edição do livro ganhou as livrarias em 1994, mais de 30 anos depois da morte do autor e pouco depois da publicação de *Cultura e Imperialismo*. Como geralmente ocorre com esse tipo de publicação póstuma (Kafka tornou-se o exemplo notório), a incompletude tende a gerar suposições perigosamente

Leela. *Postcolonial Theory: a critical introduction*. Nova York: Columbia University Press, 1998, p. 07. A questão será aprofundada no decorrer do trabalho.

² Pesquisadores como Manuel da Costa Pinto atentam para tal generalização, diferenciando Camus dos existencialistas. Ver: PINTO, Manuel da Costa. Uma ficção autobiográfica sobre a impossibilidade da memória. In: CAMUS, Albert. *O Primeiro Homem*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005, p. 09/10.

³ Sobre o risco de tal contradição performativa discorre Jean-Marc Moura em seus estudos pós-coloniais sobre as literaturas francófonas; segundo o autor, a transformação de um cânone literário é mais complexa do que simplesmente substituir uma biblioteca por outra. O cânone não é apenas um texto escrito, mas um discurso social, histórico, cultural, hegemônico – algo enredado em práticas de leitura e dominação. Consecutivamente, não se deve entender a crítica ao cânone como a tentação ingênua de substituir um conjunto de textos por outro. Nas palavras dele, “*la transformation d’un canon littéraire n’est pas simplement le remplacement d’un ensemble de textes par un autre. (...) Une critique de l’eurocentrisme littéraire ne peut simplement proposer de remplacer un ensemble de textes par un autre ensemble de textes (fussent-ils africains, asiatiques ou latino-américains), elle consiste d’abord à interroger divers postulats et particulièrement celui qui veut que les États-nations disposant d’un langage national soient les uniques formations culturelles qui produisent une littérature digne de ce nom.*” In: MOURA, Jean-Marc. *Littératures Francophones et Théorie Postcoloniale*. Paris: PUF, 1999, p. 149.

simplistas, especialmente no incerto espaço em que se misturam biografia e ficção. No caso de Camus, há nuances interessantes: o cotejo entre os dados biográficos do autor e a narrativa cristalina de *O Primeiro Homem*, distante das alegorias kafkianas, permite que se afirme que há, sim, muito da consciência particular e da vivência de Albert Camus na história e na mentalidade de Jacques Cormery, o protagonista da história.⁴ As minuciosas descrições dos subúrbios de Argel, por exemplo, se destacam no conjunto dos textos camusianos – o sol inclemente de *O Estrangeiro* se faz notar, mas há, diferentemente, um misto de doçura e amargor confessional no que tange às reflexões sobre a pátria, a consciência argelina e a consciência francesa, o desvelamento de uma identidade fronteiriça.

Se a consciência pós-colonial de Camus é passível de debate,⁵ o autor moçambicano Mia Couto não deixa dúvidas: assume que o seu fazer literário expresso em obras como *O último voo do flamingo* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* é uma ação política anticolonialista⁶ de saída alicerçada na valorização da oralidade e da memória não registrada em papel.⁷ O primeiro romance publicado pelo autor, *Terra Sonâmbula*, em 1992, apresenta, já nas páginas iniciais, provocações sobre a ideia de *pátria*, o que é passível de ser cotejado com alguns apontamentos de *O*

⁴ Manuel da Costa Pinto é categórico ao afirmar: “O tom memorialístico de *O Primeiro Homem* é inequívoco. O livro traz, como nenhuma outra obra de Camus, os traços de sua história familiar: a morte do pai, de origem alsaciana, na Primeira Guerra Mundial; a infância num bairro pobre de Argel; a figura da mãe descendente de espanhóis, analfabeta e semi-surda; o tio toneleiro, a paixão pelo futebol e a adoção intelectual pelo professor de liceu Louis Germain (...). Tais coincidências estabelecem com o leitor um pacto ficcional segundo o qual Jacques Cormery – protagonista de *O Primeiro Homem* – aparece como figuração do próprio Camus.” In: PINTO, M. C. *op. cit.*, p. 08.

⁵ Nas palavras de Manuel da Costa Pinto, “(*O Primeiro Homem*) não se trata (...) de uma ficção anticolonialista sobre o massacre da memória do oprimido pelo opressor. Franco-argelino de origem proletária, Camus obviamente não tinha a consciência culpada do colonizador e sentia-se no direito de reivindicar a convivência entre árabes e franceses nativos, de ser favorável à independência sem todavia apoiar um nacionalismo que queria varrer qualquer rastro dessa civilização mediterrânea que ele celebrou nos ensaios de *Núpcias* e *O Verão*.” In: PINTO, M. C. *Idem*, p. 10/11.

⁶ Confirma isso a fala introdutória ao programa televisivo Roda Viva, da TV Cultura, quando Mia Couto foi entrevistado, em 10/07/2007, durante a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) daquele ano. Paulo Markun, o apresentador, disse: “Escrevendo originalmente em português, em uma linguagem criativa e cheia de surpresas, a obra de Mia Couto é profundamente marcada pela luta anticolonial do país onde nasceu.” Mia Couto confirmou a ideia ao responder a uma pergunta sobre o seu envolvimento pessoal na luta pela independência de Moçambique. “Eu participei da luta política no movimento de libertação, que foi a primeira guerra, a Guerra da Libertação, que acabou na independência (em 1975, Moçambique se tornou independente de Portugal).” Disponível a gravação do programa no seguinte sítio: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/531/entrevistados/mia_couto_2007.htm. Acesso em 09/07/2014.

⁷ Ainda no Programa Roda Viva de 10 de julho de 2007, Mia Couto falou: “Eu estou já em uma situação em que não sei qual casa é a minha casa de moradia, não é? Mas para mim o importante é ter essa possibilidade de estar dentro e fora da escrita. De estar fora da escrita no sentido de se deixar invadir, quase se dissolver no mundo da oralidade. É nesse sentido que eu defino essa vivência, essa moradia, essa transumância (movimentação de entrada ou saída) entre a escrita e a oralidade.” In: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/531/entrevistados/mia_couto_2007.htm. Acesso em 09/07/2014.

Primeiro Homem. Enriquece a comparação o fato de Moçambique e Argélia, os cenários e motivos das obras em questão, representarem duas faces de um mesmo e gigantesco território sociopolítico, o continente africano, espaço de convívio das mais conflitantes etnias, crenças, identidades culturais. Mia Couto é o nome mais festejado da prosa africana em língua portuguesa da atualidade e declara encontrar nas criações do brasileiro Guimarães Rosa parte da motivação que o faz escrever literatura e experimentar as possibilidades da linguagem.

Este artigo pretende, sob a ótica transdisciplinar da Literatura Comparada,⁸ em diálogo com a teoria pós-colonial representada por autores como Peter Childs, Patrick Williams, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths, Helen Tiffin, Leela Gandhi, Gayatri Spivak e Jean-Marc Moura, tecer reflexões sobre os conceitos de *pátria*, *memória* e *fronteira*, destacando, para isso, alguns pontos de *O Primeiro Homem*, de Albert Camus, e *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. No que tange à primeira obra, fundamental se faz a investigação dos trechos de *Cultura e Imperialismo* em que Edward Said investiga a prosa camusiana; evidentemente, o antecessor *Orientalismo* também será considerado. Com relação ao romance de Mia Couto, ambientado no Moçambique pós-independência, analisaremos algumas ideias de Frantz Fanon, Benedict Anderson, Walter Benjamin, entre outros ensaístas. Num primeiro momento, os fantasmas do colonialismo serão evidenciados – a análise de trechos de *O Primeiro Homem* será o mote do ensaio; depois, problematizaremos alguns caminhos descoloniais, especialmente no que se refere à prosa de *Terra Sonâmbula*.

II – *O filho diante do pai e A filha do Céu: fantasmas da colonização*

Tanto *O Primeiro Homem* quanto *Terra Sonâmbula* conduzem o leitor a cenários de guerras de libertação nacional ocorridas em diferentes tempos e espaços do multiétnico continente africano; os conflitos são descritos com intensidades variadas, mas não faltam, em ambas as narrativas, as cenas manchadas de sangue. Na obra de Albert Camus, a figura do pai morto na Primeira Guerra Mundial aparece enquanto síntese da violência que matava aos batalhões – a máquina da morte estatal aprimorada

⁸ A transdisciplinaridade enquanto caminho para os estudos comparatistas é defendida por autores como Eduardo Coutinho, para quem o “descentramento ocorrido no âmbito dos estudos comparatistas (...) ampliou em muito o cunho internacional e interdisciplinar da Literatura Comparada, que passou a abranger uma rede complexa de relações culturais.” Segundo o autor, contribuíram para isso diferentes correntes de pensamento, como o Desconstrutivismo, a Nova História e os Estudos Culturais e Pós-Coloniais. In: COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada – 3. Rio de Janeiro: Abralic (Associação Brasileira de Literatura Comparada), 1996, p. 69.

a níveis perturbadores quando das “origens do totalitarismo” arendtianas e das “resoluções finais” da Segunda Grande Guerra, e de ambos os lados, Eixo e Aliados – campos de concentração, bombas atômicas e demais atrocidades. Trata-se de uma ausência que conduz o desenrolar da ação – uma presença fantasmática, nos termos de Giorgio Agamben. A primeira parte, *A procura do pai*, apresenta, de antemão, uma ambiguidade intencional: a procura realizada pelo pai (a procura de um médico para a realização do parto da esposa, que albergava no ventre o filho Jacques) e a procura empreendida pelo filho (Jacques, o protagonista, que, adulto e retornando a Argel, busca e reconstrói a esfacelada figura paterna). A busca nervosa pelo cirurgião ocorre em um espaço geográfico em um tempo concreto e abstrato, produto geológico da sobreposição de eras e conjunto de memórias coletivas:

Acima da carruagem, que rodava numa estrada pedregosa, grandes e espessas nuvens corriam para o leste na hora do crepúsculo. Três dias antes, elas tinham inchado sobre o Atlântico, esperado o vento oeste, depois se deslocaram, a princípio lentamente e depois cada vez mais depressa, tinham sobrevoado as águas fosforescentes do outono direto para o continente, se desfiado sobre as escarpas marroquinas, transformando-se em rebanho sobre os platôs da Argélia, e agora, nas proximidades da fronteira tunisiana, tentavam alcançar o mar Tirreno para nele se perderem depois de um percurso de milhares de quilômetros acima dessa espécie de ilha imensa, protegida pelo mar movediço, ao norte e ao sul, pelas ondas imóveis das areias, passando por essa região sem nome apenas um pouco mais rápido do que tinham feito, durante milênios, os impérios e os povos, seu impulso esgotava-se e algumas já se fundiam em grossas e raras gotas de chuva que começavam a ressoar na capota de lona sobre os quatro viajantes.⁹

A viagem das nuvens carregadas da chuva proveniente do oceano Atlântico em direção ao mar Tirreno pode também carregar, e isto no primeiro parágrafo da obra, o recorrente sentido da transitoriedade – a peregrinação em terras estrangeiras da tradição do Êxodo, o secular desafio da transposição das fronteiras e a ideia de “ilha”, a ausência de nomenclatura (“passando por essa região sem nome”) e a impossibilidade da completa dominação do espaço. Não apenas os pais europeus (ele, Henri, de ascendência francesa; ela, Catherine/Lucie, de ascendência espanhola) do bebê Jacques “viajavam” (sob as rédeas de um condutor árabe de indumentária exótica – “plácido árabe com seu turbante de cordões amarelos, o corpo engrossado por grandes calças amplas, ajustadas no tornozelo”, sem falar nos “grandes bigodes brancos”¹⁰ – e ares de

⁹ CAMUS, A. op. cit. , p. 17.

¹⁰ CAMUS, A. Idem, p. 19.

profeta – “-Você vai ter um menino. Que seja bonito.”¹¹) em um território distante, de colorido intenso, excêntrico aos olhos da Europa. À primeira vista, está-se diante de um fragmento literário que desencadeia e exemplifica o processo de construção de um Oriente (expandindo a leitura, de um território “outro”, com os seus habitantes “outros”) simbólico costurado a uma série de elementos subjetivos (vocabulário, imaginário, tradição de pensamento, etc.); nas palavras de Edward Said, tem-se a ideia de *Orientalismo*, ou seja, “um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia.”¹²

O nascimento da criança, em condições adversas aliadas à pluralidade cultural, no território argelino, em 1913 (portanto às portas da Primeira Grande Guerra), é apenas o prelúdio de um enredo aparentemente (e enganoso por conta disso) trivial e desimportante. No decorrer da obra, o Jacques Cormery adulto (“quarenta anos mais tarde”, em 1953) retorna ao subúrbio de Argel após anos na França e relembra a infância sofrida, marcada pela austeridade (de resquícios na vivência da mãe, idosa, cujo apartamento tinha móveis novos, “mais decentes e menos miseráveis”, que, porém “continuavam sem ornatos, encostados às paredes”¹³) e pela tomada de consciência da pobreza material e intelectual – choques causais que pontuam a obra e garantem cenas expressivas. O principal exemplo é o episódio da moeda de dois francos: o menino decide embolsar a quantia, troco da compra das provisões (“em quantidades muito pequenas”), tendo em vista o pagamento de um ingresso de futebol. Ao chegar em casa, diz para a avó que derrubara a moedinha no banheiro: o troco havia caído no vaso, perderam-se os dois francos na fossa. A avó, então, decide vasculhar os dejetos, levando o menino ao nojo e à reflexão sobre a miséria da família, ao sentimento de culpa:

Não, não era questão de perdão, pois no mesmo instante ele compreendeu que não era a avareza que levava sua avó a meter a mão na sujeira, mas sim a terrível necessidade, que fazia com que naquela casa dois francos fossem uma quantia importante. Compreendia e via então claramente, transtornado pela vergonha, que havia roubado aqueles dois francos do trabalho de sua família.¹⁴

¹¹ CAMUS, A. *Ibidem*.

¹² SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 27. O autor complementa a ideia afirmando que o estudo de textos literários contribui para a desconstrução de “naturalizações” e “neutralidades”: na visão de Said, não há neutralidade discursiva; todo texto é histórico, social e político. A capa da neutralidade oculta o caráter etnocêntrico do Orientalismo, expresso em palavras como *profético*, *sedutor*, *misterioso*, etc.

¹³ CAMUS, A. *op. cit.*, p. 65.

¹⁴ CAMUS, A. *Idem*, p. 88.

As carências intelectuais aparecem em trechos que oscilam entre o cômico e o tristonho; o analfabetismo da mãe e da avó é desdobrado na sequência de *A família* em que Jacques se recorda das noites no cinema do bairro. O narrador não poupa adjetivos ao descrever o percurso até a entrada do estabelecimento (o labirinto de tabuleiros onde os vendedores árabes ofereciam guloseimas e afastavam moscas e crianças com o mesmo gesto enraivecido). Na sala de projeções (“de paredes nuas, o chão coberto de cascas de amendoim, o cheiro de creolina misturava-se ao cheiro forte de gente”¹⁵), o menino se via obrigado a ler as legendas para que a avó compreendesse o desenrolar das películas, o que irritava a vizinhança da plateia. Junto às lembranças constrangidas das sessões de cinema caminha a percepção de que o repertório intelectual da mãe era ainda mais escasso que o da avó: igualmente analfabeta, de vocabulário reduzido, sofria de uma quase surdez; por conseguinte, não conseguia ver filmes nem ler jornais, não podia viajar o mundo. Nas notas do texto original, Camus planejou o fortalecimento da ideia de pobreza, destacando o desemprego.

A principal aparição fantasmática, porém, é a memória do pai zuavo. No capítulo 5 da primeira parte (*O pai. Sua morte. A guerra. O atentado.*), na sequência do reencontro com a mãe, em 1953, numa ensolarada manhã de domingo (pacífica na aparência, apenas, uma vez que uma bomba estava prestes a explodir nos arredores do edifício – novamente a ideia de transitoriedade e a ameaça conflitiva), Jacques Cormery redescobre a figura paterna, consultando documentos e questionando a mãe (evasiva, de memória fraca, que sequer se lembrava do nome completo do marido). O estilhaço assassino jazia guardado em uma lata de biscoitos no armário. Camus traça um paralelo entre o nascimento de Jacques e a eclosão da Primeira Guerra, o que reforça a suposição de que *o primeiro homem* é um filho dos destroços:

Sim, nas profundezas daquela mesma noite em que ele nascera, durante aquela mudança, emigrante, filho de emigrantes, a Europa já preparava os canhões, que iriam explodir todos juntos alguns meses depois, expulsando os Cormery de Saint-Apôtre, ele para seu batalhão do exército de Argel, ela para o apartamento da mãe no subúrbio miserável, levando em seus braços o menino inchado pelas picadas dos insetos do Seybuse.¹⁶

Camus também retrata os filhos argelinos como órfãos de pais e de pátria; as diferenças étnicas são unificadas nos *fronts* e nas trincheiras, origens diversas e corpos igualmente frágeis cara a cara com a morte:

¹⁵ CAMUS, A. Idem, p. 92.

¹⁶ CAMUS, A. Idem, p. 68.

Mas no momento não havia buracos, apenas as tropas da África, que derretiam sob o fogo como bonecos de cera colorida, e a cada dia nasciam centenas de órfãos em todos os cantos da Argélia, árabes e franceses, filhos e filhas sem pai, que depois deveriam aprender a viver sem lição e sem herança.¹⁷

A ausência do pai de Jacques Cormery, portanto, era uma ausência de pai coletiva, de âmbito nacional. Como dito anteriormente, a calmaria da manhã das lembranças é abalada de súbito pela explosão de uma bomba, o segundo atentado naquela semana. Ocorre, então, uma sobreposição de explosões: tempos e espaços distintos, motivos também diferentes, mas um acontecimento similar – a bomba que matou o pai e a bomba que rompeu a manhã. Jacques decide correr ao local do atentado, para entender a situação, e se depara com uma cena de fortes agressões verbais disparadas por um grupo de homens contra uma família árabe. A sequência é fundamental para a verticalização do diálogo com Edward Said:

Na esquina da rua Prévost-Paradol, um grupo de homens vociferava. Essa raça suja, dizia um operário baixinho vestido com uma camisa de malha, virando-se para um árabe encostado numa porta larga perto do café. E dirigiu-se para ele. – Não fiz nada – disse o árabe.

-Refazer na terceira parte o atentado de *Kessous* e nesse caso dar aqui simplesmente a indicação do atentado.

-Mais adiante.

-Vocês são todos cúmplices, bando de veados – e partiu para agredi-lo. Os outros o detiveram. Jacques disse ao árabe:

-Vem comigo – e entrou com ele no café, que agora pertencia a Jean, seu amigo de infância, filho do cabeleireiro. Jean estava lá, sempre o mesmo, mas enrugado, pequeno e magro, com cara de fuinha e ar atento.

-Ele não fez nada – disse Jacques. – Deixe ele entrar na sua casa.

Jean olhou para o árabe enquanto limpava o balcão.

-Vem – disse, e desapareceram no fundo.

Quando saiu, o operário olhou atravessado para Jacques.

-Ele não fez nada – disse Jacques.

-É preciso matar todos.

-É o que se diz quando se está com raiva. Pense melhor.

O outro encolheu os ombros em sinal de desdém:

-Vá lá ver a confusão e depois fale.¹⁸

Jacques protege e defende o árabe da fúria dos revoltosos, confrontando o discurso genocida (infelizmente atual) de que “é preciso matar todos.” Nesse ponto, é inevitável a comparação entre o protagonista de *O Primeiro Homem* e Meursault, narrador e protagonista de *O Estrangeiro*, a mais discutida obra camusiana – e em

¹⁷ CAMUS, A. Idem, p. 72.

¹⁸ CAMUS, A. Idem, p. 75/76.

diferentes campos de análise, Literatura, Direito, Psicologia. Said, em *Cultura e Imperialismo*, se refere a Camus enquanto escritor que expressou “a percepção geográfica de uma vontade francesa singular contestando a Argélia e seus habitantes muçulmanos nativos”¹⁹, ou seja, ainda que indiretamente, um defensor do colonialismo francês, um condescendente. Sob tal ponto de vista, o personagem Meursault, o assassino de um árabe misterioso (representante dos árabes que olham em silêncio, “à maneira deles, como se fôssemos pedras ou árvores mortas”²⁰) que aperta o gatilho sob os efeitos de um dos mais causticantes sóis da história da literatura ocidental, personifica o ideário eurocêntrico também defendido por François Mitterrand em *Présence française et abandon*. Said afirma que os cinco tiros disparados na praia argelina (o primeiro é o tiro homicida e os outros quatro são em um corpo morto) refletem a postura negativa e/ou repressiva de Camus diante da Argélia real, território da África islâmica, em oposição ao endosso do modelo colonizador francês, branco, europeu, católico. O pesquisador entende que a presença francesa na Argélia, na prosa camusiana, é um dado externo e imutável, inabalável diante do tempo e das interpretações históricas – um imperativo posto e naturalizado (e compreensível se levadas em conta determinadas passagens da biografia do escritor²¹). Para Said, a insensibilidade de Meursault e o empedernimento de Camus estão interligados,²² e isso

¹⁹ SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 284.

²⁰ CAMUS, A. *O Estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013, p. 52.

²¹ Said utiliza um trecho da suposta “única declaração política inflexivelmente severa sobre a Argélia” apresentada por Camus em vida, fragmento onde se leem as seguintes afirmações: “Nunca houve uma nação argelina. Os judeus, os turcos, os gregos, os italianos, os berberes, teriam o mesmo direito de reivindicar o comando dessa nação virtual. Na verdade, os árabes não constituem sozinhos toda a Argélia. A importância e a antiguidade do povoamento francês, em particular, bastam para criar um problema que não se pode comparar a nada na história. Os franceses da Argélia são, eles também, e no sentido forte do termo, nativos. Cumprir acrescentar que uma Argélia apenas árabe não conseguiria aceder à independência econômica sem a qual a independência política não passa de um engodo.” In: SAID, E. *op. cit.*, p. 286.

²² A problemática também foi trabalhada no artigo *Albert Camus, ou l'inconscient colonial*, que Edward Said publicou no jornal *Le Monde diplomatique*, em novembro de 2000. No texto, Said escreveu: “*C'est vrai, Meursault tue un Arabe, mais cet Arabe n'est pas nommé et paraît sans histoire, et bien sûr sans père ni mère. Certes, ce sont aussi des Arabes qui meurent de la peste à Oran, mais ils ne sont pas nommés non plus, tandis que Rieux et Tarrou sont mis en avant. Et l'on doit lire les textes pour la richesse de ce qui s'y trouve, non pour ce qui en a été éventuellement exclu. Mais justement. Je voudrais souligner qu'on trouve dans les romans de Camus ce qu'on en croyait autrefois évacué: des allusions à cette conquête impériale spécifiquement française, commencée en 1830, poursuivie de son vivant, et qui se projette dans la composition de ses textes.*” Ainda, o autor afirmou: “*Ses romans et nouvelles racontent les effets d'une victoire remportée sur une population musulmane, pacifiée et décimée, dont les droits à la terre ont été durement restreints. Camus confirme donc et raffermît la priorité française, il ne condamne pas la guerre pour la souveraineté livrée aux musulmans algériens depuis plus d'un siècle, il ne s'en désolidarise pas.*” Em termos distintos, parafraseando outra passagem de Said no referido artigo, Camus ignora ou negligência a história da colonização, não representando em seus escritos a Argélia como um território violentado pela empreitada colonialista nem denunciando a presença francesa como um “abuso de poder cotidiano”. In: SAID, E. W. *Albert Camus, ou l'inconscient colonial*. Disponível no sítio <http://www.monde-diplomatique.fr/2000/11/SAID/2555>. Acesso em 10/07/2014.

explica “o vazio e a ausência de qualquer contextualização do árabe morto por Meursault; daí também o senso de devastação em Oran (no romance *A Peste*, cujo enredo trata de uma epidemia de tifo na cidade argelina²³) que se destina implicitamente a expressar não tanto as mortes de árabes (...), e sim a consciência francesa.”²⁴

Não à toa causa estranhamento ao leitor atento de Said o trecho de *O Primeiro Homem* em que Jacques Cormery defende o árabe das agressões físicas e verbais, demonstrando um inegável senso humanista de tolerância e pacifismo. O mesmo autor que em *O Estrangeiro* desenhou “empedernidamente” as balas se enterrando na carne inerte do árabe assassinado demonstra, em *O Primeiro Homem*, grande sensibilidade em relação aos debates étnicos e à violência decorrente deles – toma posição e defende os árabes (ao menos *aquela* árabe). Não se trata, aqui, de refutar a argumentação de Said e defender Camus: não se está diante de um tribunal, diferentemente da história de Meursault. O fato é que *O Primeiro Homem* apresenta ingredientes novos e mais complexos, passagens menos evasivas e mais fíncadas no solo calejado da história, o que enriquece a discussão sobre *o que é ser argelino*.

A Argélia da infância de Jacques (inclusive a Argélia redescoberta depois, à época do atentado) é um cenário proletário, explosivo e mutilado, de cheiros desagradáveis e poucos horizontes – mesmo o cinema, os doces e os jogos de futebol, prazeres de criança, não podem ser gozados em sua integridade: despertam a culpa, a vergonha, a resignação. Uma Argélia em estado de alerta, à espera de um novo atentado, povoada de fantasmas, traumas e privações – semelhante ao Moçambique de Tuahir e Muidinga, o velho e o miúdo, respectivamente, protagonistas de *Terra Sonâmbula*. O romance de Mia Couto começa em um lugar impreciso, onde “a guerra tinha morto a estrada”, estrada que “não se entrecruza com outra nenhuma”²⁵. Um caminho sem destino, sinalizações, um caminho *à espera*. Quando encontram um ônibus (autocarro ou machimbombo) incendiado pelos conflitos pós-independência, repleto de corpos carbonizados, decidem fazer daquela carcaça casa, interrompendo temporariamente a caminhada sem rumo. Um cadáver jazia sangrando nas proximidades do ônibus, homem cujo rosto “nunca chega a ser visto”.²⁶ Na mala do sujeito, de nome Kindzu, Muidinga encontra cadernos com narrativas atreladas à guerra. A intercalação das narrativas dos cadernos de Kindzu, lidos pelo garoto, e dos acontecimentos ao redor da “estrada

²³ Aqui, cabe a lembrança da primeira descrição de Oran presente em *A Peste*: “À primeira vista, Oran é, na verdade, uma cidade comum e não passa de uma prefeitura francesa na costa argelina. A própria cidade, vamos admiti-lo, é feia.” In: CAMUS, A. *A Peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012, p. 09.

²⁴ SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*, p. 286.

²⁵ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 09.

²⁶ COUTO, M. *Idem*, p. 12.

morta” estrutura a narrativa romanesca, texto e paratexto, identidades e tempos sobrepostos, em diálogo nem sempre fácil.

O *Quarto caderno de Kindzu*, intitulado *A filha do Céu*, apresenta a história de Farida, mulher tímida, da família dos xipocos, um espírito errante que descreve a Kindzu a *estória* da sua vida torturada. Conta que veio ao mundo sob a égide condenatória: era filha-gêmea inserida em uma tradição segundo a qual “o nascimento de gêmeos é sinal de grande desgraça”²⁷. A irmã foi deixada à morte e enterrada em um bosque sagrado; ela, Farida, condenada a viver com a mãe “num mato próximo, de verdes desleixados”²⁸, excluída da própria aldeia. Após a morte da mãe, na infância, Farida cresce e decide caminhar pelo mundo – e o faz até desmaiar, acordando em uma casa de cimento (mais uma vez, a aparente estabilidade), o lar de Romão Pinto, “dono de muitas terras”²⁹, e da esposa Dona Virgínia.

O português Romão Pinto aparece, em *Terra Sonâmbula*, enquanto personificação da violência colonialista. Mérito de Mia Couto é desenhar um personagem desprezível e tão simbolicamente carregado sem recorrer aos clichês do tipo e às facilidades das escolas realista e naturalista mais ortodoxas, especializadas em tipificar – por vezes didaticamente, o que tanto criticava Machado de Assis – os seus personagens-títeres a serem denunciados. Romão Pinto primeiro deseja o corpo de Farida, clara metáfora, no caso do Moçambique, para os desejos de Portugal, os interesses da metrópole: “O desejo dele crescia por toda a casa, como uma viscosa humidade. Ela o sentia com uma mistura de nojo e receio. Teria odiado aquela casa não fosse a velha a ter tratado como uma mãe, fazendo nascer a outra raça que agora nela existia.”³⁰ Aqui, a ideia de *raça* vem à tona, diretamente ligada ao conceito de *nação*. Especificamente, a questão da negritude – e impossível é não pensar em Frantz Fanon e na obra *Pele negra, máscaras brancas* (cujo capítulo *A mulher de cor e o branco* bem representa Farida diante de Romão Pinto, a “nativa” pobre e subjugada aos favores do colonizador, rico, dominante, “pai” e também patrão). Fanon, um dos líderes do movimento descolonialista argelino, desenvolve a ideia de que “todo povo colonizado (...) toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.”³¹ No caso dos negros colonizados por brancos, a assimilação da

²⁷ COUTO, M. Idem, p. 70.

²⁸ COUTO, M. Idem, p. 71.

²⁹ COUTO, M. Idem, p. 74.

³⁰ COUTO, M. Ibidem.

³¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 34.

linguagem (idioma³², expressão corporal, códigos de etiqueta, crenças, etc.) esbarra na exterioridade do corpo: salvo exceções raríssimas, não é possível descolorir a pele. Diz o autor, então, que a introjeção do ideário colonizador impõe violentamente a necessidade de se utilizar *máscaras brancas*, processo psicológico, social e histórico preso a conceitos como *ninguendade*, indiretamente apresentado por Farida ao falar do filho mulato, fruto da violência de Romão Pinto (o segundo momento do “desejo” dele, o estupro): “Esse menino viria a nascer sem a devida cor: seria um mulato.”³³

Tal questão racial e de gênero passa, necessariamente, pelas relações desiguais desencadeadas pelo colonialismo. Na obra de Mia Couto, Farida, representante das *feridas* coloniais moçambicanas, é explicitamente apresentada como vítima de um secular processo histórico pontuado de misoginia e preconceitos de cor e de classe. Farida encerra a dominação introjetada trabalhada por autores como Paulo Freire³⁴: passado o primeiro impulso de lutar contra e fugir das mãos de Romão Pinto, “memórias antigas da raça lhe avisaram: melhor seria ela se deixar, sem menção nem intenção.”³⁵ O narrador reflete, ao descrever a cena, sobre o sadismo do agressor e o fato dele estar longe da terra natal, livre para cometer abusos no “quintal” da sua pátria: “Aquele suor lhe surgiu como se fosse a prova: aquele homem era um estrangeiro, retirado do seu mundo. Na sua terra ele pouparia suores ao fazer amor.”³⁶ Trata-se de um conflito complexo, uma vez que Farida também representa o *ser estrangeiro* naquela casa de portugueses. Farida, pária, não possui lugar, constatação que adquire

³² Com relação ao uso do idioma oficial (o português, no caso moçambicano) enquanto estratégia de dominação, escreveram Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin: “*One of the main features of imperial oppression is control over language. The imperial education system installs a ‘standard’ version of the metropolitan language as the norm, and marginalizes all ‘variants’ as impurities.*” In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: theory and practice in post-colonial literatures*. Londres: Routledge, 1989, p. 07.

³³ COUTO, M. *op. cit.*, p. 79. Sobre isso, escreveu Fanon: “(...) o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a ‘manter as distâncias’; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de *escolher* a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais. In: FANON, F. *op. cit.*, p. 95/96.

³⁴ O revolucionário pensador brasileiro, autor das fundamentais *Pedagogias* do Oprimido e da Esperança, é mencionado por Peter Childs e Patrick Williams, para quem a teoria pós-colonial precisa dialogar (colaborando e/ou criticando radicalmente) com outras áreas da teoria crítica contemporânea, como o feminismo, o marxismo, o pós-estruturalismo e mesmo o tão rechaçado pós-modernismo. Na visão dos autores, “*Feminism is interested in power relations in the academy, and obviously in their gendered nature; post-colonialism introduces racial and cultural dimensions into the analysis. As just one example of the possibilities which exist in this area, the revolutionary pedagogy of Paulo Freire is a post-colonial practice of wholesale liberation from which the contemporary education system could learn a great deal, if it dared.*” In: CHILDS, Peter; WILLIAMS, Patrick. *An Introduction to Post-Colonial Theory*. Londres: Prentice Hall, 1997, p. 22.

³⁵ COUTO, M. *op. cit.*, p. 78.

³⁶ COUTO, *Ibidem*.

contornos intensos ao final do Caderno, quando é narrado o exílio definitivo em um navio abandonado:

Primeiro: em terra ela já não tinha nenhum lugar. Segundo: depois desse primeiro grupo de pescadores mais ninguém conseguiu abordar o navio naufrago. A toda volta do banco de areia se levantaram ondas que persistiam como guardiãs da solidão do navio. Estar ali era para Farida como uma estação de aguardo para uma outra vida.³⁷

O fantasma do colonialismo, ela o sentia na pele – e esperava.

III – As notas de Camus e os cadernos de Kindzu: caminhos descoloniais

Se não é possível (nem desejável a certeza) afirmar que *O Primeiro Homem* representa um giro descolonial na obra de Albert Camus, fato é que *Terra Sonâmbula* apresenta uma série de estratégias narrativas caras à teoria pós-colonial, figurando enquanto obra literária riquíssima para se pensar o descolonialismo africano. Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin afirmam que os estudos das literaturas pós-coloniais contribuem para a desconstrução dos pilares do imperialismo, convertendo-se a prática em uma ferramenta política. Das literaturas coloniais emergem termos que opõem civilização e barbárie, a exemplo do que afirma Edward Said: *selvagem, nativo, primitivo, periférico, marginal*, etc.. As literaturas pós-coloniais, ao contrário, reveem criticamente tais antagonismos (a relação entre Farida e Romão Pinto, por exemplo), questionando a visão hegemônica.³⁸ Os autores enfocam a experiência colonial britânica, mas é possível expandir a análise para os casos francês (a Argélia de Camus) e português (o Moçambique de Mia Couto).

Duas das estratégias narrativas pós-colonialistas empregadas (deliberadamente) por Mia Couto em *Terra Sonâmbula* são a utilização (e valorização) da linguagem e da cosmogonia dos dominados (desde o simples emprego de termos inusuais, originários de outros idiomas moçambicanos que não o português, até a recriação de mitos tribais não registrados nos compêndios) e a discussão (no plano ficcional) de conceitos como *fronteira, pátria, identidade e memória*. No que tange à memória dos excluídos, Farida é o melhor exemplo: ao narrar a Kindzu a trágica história de um passado de dominação, estupro e abandono à margem, remexe a areia sedimentada no fundo das águas e traz à superfície as memórias então escondidas. A mulher que tantas vezes foi excluída e abusada pode falar e ser ouvida – adquire voz, atitude política desenhada por Mia

³⁷ COUTO, M. Idem, p. 82.

³⁸ Ver ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: theory and practice in post-colonial literatures*. Londres: Routledge, 1989, p. 03.

Couto. Diferentes autores da teoria pós-colonial abordam a questão, como Leela Gandhi, que discorre sobre a *postcolonial amnesia* (amnésia pós-colonial). Diz a autora que os traumáticos processos de descolonização tendem a fomentar o desejo de esquecer ou apagar o passado mediante a construção de um discurso nacional novo – a reinstauração da pátria. Disso decorre a necessidade (observável no romantismo indianista, no cenário brasileiro) de se fundar um começo – e o perigo das aporias, nos termos derridianos. Gandhi argumenta que, na contramão deste movimento de reinauguração da história, devem-se desenvolver as teses de Walter Benjamin: escovar a história a contrapelo.

Na perspectiva da autora, o pós-colonialismo é a possibilidade da resistência e da ação contra-hegemônica: precisa estar agarrado à tríade *lembrar, visitar e interrogar*. Em outras palavras, desconstruir o passado colonial a partir de marretadas críticas; entender que os escombros que se avolumam diante do *Angelus Novus*³⁹ são a memória de um passado que precisa – por mais doloroso que seja (e seguramente são das mais dolorosas páginas da literatura contemporânea os relatos de Farida e os trechos de *Terra Sonâmbula* que narram o “renascimento” de Muidinga, dado como morto devido ao “amargo gosto da maquela” – envenenado por ter comido, devido à fome insuportável, uma qualidade venenosa de mandioca) – ser rememorado, revisitado e por diferentes ângulos questionado.⁴⁰

Gandhi fala em “arquivo colonial”, ou seja, o montante de registros históricos que precisa ser vasculhado sob a ótica descolonialista. Não atentar para isso, adverte a autora, pode adubar o terreno da história para a erupção e o fortalecimento de novas formas de dominação – os neocolonialismos contemporâneos. É um consenso entre os teóricos pós-colonialistas (falam sobre isso autores como Edward Said, Gayatri Spivak, Jean-Marc Moura, Peter Childs e Patrick Williams) a ideia de que o fim de uma determinada dominação imperial (as independências argelina e moçambicana) não necessariamente (geralmente não) gera estabilidade, pacificação (termo na ordem do

³⁹ Escreveu Walter Benjamin: “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e a dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.” In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas – Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 226.

⁴⁰ No Brasil contemporâneo, a questão permeia as discussões espinhosas sobre o trabalho da Comissão da Verdade e a abertura dos arquivos da Ditadura Militar instaurada com o golpe de 1º de abril de 1964.

dia, polissêmico e delicado), igualdade material. Diferentes modos de dominação podem ser instaurados – a começar pelo “rescaldo colonial”: a opressão introjetada nos oprimidos. Contra a amnésia histórica, Gandhi apresenta os psicanalíticos termos *anamnese* e *análise*. Com relação à reconstrução das memórias, fundamental é pensar nos comentários de Homi Bhabha sobre a obra máxima de Frantz Fanon: a memória pode figurar enquanto importante ponte entre o colonialismo e as questões concernentes à identidade cultural.⁴¹

Pois bem: observado panoramicamente tal cabedal teórico, não parece equivocado afirmar que os cadernos de Kindzu, a narrativa intercalada de *Terra Sonâmbula*, encarnam em suas páginas a ideia de *arquivo colonial* desenvolvida por Leela Gandhi. Mia Couto propõe um contraste desestabilizador (também desconstrutivista): sobrepõe à narrativa das ações de Muidinga e Tuahir as narrativas anteriores de Kindzu, que, reunidas, compõem um mosaico da dominação colonial no Moçambique. Os cadernos de Kindzu exumam mortos (a ideia de exumar cadáveres históricos é apresentada por Leela Gandhi, em diálogo com Homi Bhabha; a autora ainda fala em “memórias fantasmáticas” (*phantasmic memories*),⁴² expressão a ser cotejada com Agamben, perfeita para as análises dos relatos de Farida e da relação de Jacques Cormery com a estilhaçada figura paterna).

Ricamente contraditória é a percepção de que um romance iniciado com o enterro de mortos sem rostos e “sem histórias” (carbonizados ao vento, abandonados na estrada que não se entrecruza com nenhuma outra) desenvolve no seu desenrolar justamente o oposto: desenterra o que há de mais doloroso na memória coletiva do Moçambique colonizado; retira os curativos e expõe os machucados. A *Terra Sonâmbula* de Mia Couto é uma terra com o prefixo *des*, a exemplo do desterro de Farida e do fático desterro de Muidinga e Tuahir, caminantes que não possuem residência fixa nem horizontes mais definidos que a sobrevivência dia após dia. Mesmo Kindzu, o autor dos cadernos, experimentara o sentimento da ausência de pátria, conforme se depreende da seguinte passagem do *Primeiro caderno*, quando conversa com o único *lojeiro* que permanecera na aldeia nos turbulentos tempos de guerra, o indiano Surendra Valá:

⁴¹ Nos termos de Leela Gandhi: “In his comments on Frantz Fanon’s *Black Skin, White Masks*, the postcolonial critic, Homi Bhabha, announces that memory is the necessary and sometimes hazardous bridge between colonialism and the question of cultural identity. Remembering, he writes, ‘is never a quiet act of introspection or retrospection. It is a painful re-membering, a putting together of the dismembered past to make sense of the trauma of the present’ (Bhabha 1994, p. 63). Bhabha’s account of the therapeutic agency of remembering is built upon the maxim that memory is the submerged and constitutive bedrock of conscious existence.” In: GANDHI, L. *op. cit.*, p. 09.

⁴² Ver GHANDI, L. *Idem*, p. 10.

-Vou-me embora, Kindzu!

Aquele anúncio me rasgou. O comerciante sempre me dera certeza de ficar. *Nós fazemos negócio, sempre adaptamos*, justificava. *Faça guerra tanto como não: monhé está sempre na meio*, brincava ele imitando as falas dos outros indianos. Agora a decisão dele me deixava em total angústia. Tantas infelicidades me tinham aleijado: o desaparecimento de meu irmão, a morte de meu pai, a loucura de minha família. Mas nada me afectou tanto como a partida do indiano. Tentei convencer o homem a deixar-se por ali. Em vão. Surendra possuía fundas razões:

-Tu tens antepassados, Kindzu. Estão aqui, moram contigo. Eu não tenho, não sei quem foram, não sei onde estão. Vês, agora, o que aconteceu? Quem é que me veio consolar? Só tu, mais ninguém.

Eu não queria entender o lojeiro. Porque suas palavras matavam a miragem de um oceano que nos unira no passado. (...) Ainda insisti, subitamente pequenito, entregando ideias que meu peito não autenticava. Que aquela terra também era a dele, que todos cabiam nela. Só no falar senti o gosto salgado da água dos olhos: eu chorava, o medo me afogava a voz.

*-Que pátria, Kindzu? Eu não tenho lugar nenhum. Ter pátria é assim como você está fazer agora, saber que vale a pena chorar.*⁴³

Na sequência imediata dessa percepção do “não-lugar” de Surendra Valá, ocorre um pequeno debate que arranha reflexões sobre preconceito étnico-racial, algo semelhante ao observável na sequência de *O Primeiro Homem* em que Jacques Cormery se depara com as ameaças disparadas contra os árabes, em decorrência do atentado:

Antoninho, o ajudante (de Surendra Valá), escutava com absurdez. Para ele eu era um traidor da raça, negro fugido das tradições africanas. Passou por entre nós dois, desdelicado provocador, só para mostrar seus desdêns. No passeio, gargalhou-se alto e mau som. Me vieram à lembrança as hienas. Surendra disse, então:

-Não gosto de pretos, Kindzu.

-Como? Então gosta de quem? Dos brancos?

-Também não.

-Já sei: gosta de indianos, gosta da sua raça.

*-Não. Eu gosto de homens que não tem raça. É por isso que eu gosto de si, Kindzu.*⁴⁴

Os trechos destacados reforçam o entendimento de que os cadernos de Kindzu desenvolvem aspectos da teoria pós-colonial com lucidez e criticidade; tais elementos, como a desconstrução das ideias de *pátria* e *raça*, são plasmados na caminhada de Tuahir e Muidinga, injetando no texto literário de Mia Couto um tônico reflexivo poderoso – no que tange ao não-lugar de Surendra Valá, como não pensar em outro indiano, o teórico Homi Bhabha? Para Bhabha, conceitos como *lugar*, *local* e *nação* não são planificados ou ahistóricos, ao contrário, produtos de uma rede de negociações com

⁴³ COUTO, M. *op. cit.*, p. 27/28.

⁴⁴ COUTO, M. *Idem*, p. 28.

o passado: uma narração que implica apagamentos, escolhas, reformulações⁴⁵. Ao refutar as perspectivas totalizantes/universalizantes, mostra que o direito de narrar a nação não é dado a todos, transformando-se em prática contra-hegemônica a possibilidade narrativa adquirida pelos dominados, à margem da história oficial. Muito diferente do romantismo unificador de Herder é a percepção de que em uma mesma pátria (o Moçambique de Kindzu) habitam diferentes nacionalidades em descompasso – brotando, desse atrito permanente, preconceitos e conflitos. Bhabha entende que adquirir o direito de narrar a nação reconfigura a “cidadania simbólica” de uma determinada comunidade; os “pontos de partida” das histórias oficiais são relativizados, as geografias nacionais redesenhadas⁴⁶ – a cartografia convencional, taxonômica, não consegue apalpar as zonas de conflito do Moçambique e as seculares exclusões tribais, por exemplo. Os mapas do mundo são reconfigurados – dá-se a desterritorialização debatida por autores como Néstor García Canclini.

Também há reflexões concernentes ao conceito de *pátria* em *O Primeiro Homem*, conforme se depreende da seguinte passagem:

Ele (Jacques Cormery) conhecia a história de seus avós e bisavós, também a de um antepassado que tinha sido marinheiro em Trafalgar, e essa longa história, viva em sua imaginação, fornecia-lhe ainda exemplos e preceitos de conduta diária. “Meu avô dizia que... papai quer que...” e justificava desse modo seu rigor, sua pureza inflexível. Quando falava da França, dizia “nossa pátria” e aceitava de antemão os sacrifícios que essa pátria poderia exigir (“teu pai morreu pela pátria”, dizia ele a Jacques...), enquanto que essa noção de pátria era vazia de sentido para Jacques, que sabia que era francês, que isso implicava em certos deveres, mas para quem a França era uma ausente que se costumava solicitar e que às vezes nos solicitava, mais ou menos como fazia esse Deus de quem ele ouvira falar fora de sua casa e que, aparentemente, era quem dispensava soberanamente os bens e os males, sobre quem não se tinha influência mas que, ao contrário, podia tudo com relação ao destino dos homens. E esse sentimento era mais acentuado nas mulheres que viviam com ele. “Mãe, o que é a pátria?” perguntara um dia. Ela tinha feito uma cara assustada, como todas as vezes que não compreendia alguma coisa. “Não sei”, ela dissera. “Não. É a França.” “Ah! É isso.” E parecera aliviada.⁴⁷

⁴⁵ Tal ideia também é desenvolvida em ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *op. cit.*, p. 08/09.

⁴⁶ Nas palavras de Bhabha: “*America leads to Africa; the nations of Europe and Asia meet in Australia; the margins of the nation displace the centre; the peoples of the periphery return to rewrite the history and fiction of the metropolis. The island story is told from the eye of the aeroplane which becomes that ‘ornament’ that holds the public and the private in suspense. The bastion of Englishness crumbles at the sight of immigrants and factory workers. The great Whitmanesque sensorium of America is exchanged for a Warhol blowup, a Kruger installation, or Mepplethorpe’s naked bodies. ‘Magical realism’ after the Latin American Boom, becomes the literary language of the emergent post-colonial world. Amidst these exorbitant images of the nation-space in its transnational dimension there are those who have not yet found their nation: amongst them the Palestinians and the Black South Africans.*” In: BHABHA, Homi K. Introduction: narrating the nation. In: BHABHA, H. K. (org). *Nation and narration*. London: Routledge, 1990, p. 06/07.

⁴⁷ CAMUS, A. *O Primeiro Homem*, p. 180.

O fragmento apresenta muitos fios narrativos passíveis de serem desenrolados, como a própria consciência histórica do protagonista, presa ao modelo dos antepassados europeus – ainda que ele, Jacques Cormery, vivesse em um outro território, à deriva da Europa ocidental. A resposta hesitante da mãe envolve os paradoxos coloniais: a dominação introjetada, o “alívio” proveniente de uma simplificação, a aceitação das obrigações coloniais – a morte do pai para defender a França, território que, na cabeça do Jacques menino, não passava de uma comunidade imaginada.⁴⁸ Com base nessas linhas camusianas, não se pode dizer que o autor lança mão de estratégias narrativas semelhantes às que Mia Couto, trinta anos mais tarde, aplicou em *Terra Sonâmbula*?

O caldo engrossa quando os folhetos e as notas que compõem o anexo de *O Primeiro Homem* são investigados. Há, entre centenas de anotações curtas, fragmentos importantes para se pensar a lógica imperialista e os desafios do pós-colonialismo. No Folheto II, Camus anotou: “As prefeituras de Argel *não têm arquivos* na maior parte das vezes.”⁴⁹ Constata – e não deixa de denunciar – a ausência de cuidado para com os registros históricos da colonização francesa. Uma das primeiras notas do caderno de notas e planos é marcada pela ironia mórbida: “Mobilização. Quando meu pai foi convocado para o exército, ele nunca tinha visto a França. Ele a viu e foi morto. (Aquilo que uma família humilde como a minha deu à França.)”⁵⁰ Na sequência, outra nota caminha no mesmo sentido: “O amigo de J. se mata ‘para que a Europa seja possível’. Para *fazer* a Europa, é preciso uma vítima voluntária.”⁵¹ Camus, quase machadiano, não está a despertar cadáveres, *desarquivando* o colonialismo? Três dos últimos excertos são ainda mais contundentes:

A angústia na África quando a noite rápida desce sobre o mar ou sobre os altos platôs ou sobre as montanhas atormentadas. É a angústia do sagrado, o temor diante da eternidade. O mesmo que fez surgir templos em Delfos, onde a noite produz o mesmo efeito. Mas na terra da África os templos estão destruídos, resta apenas esse peso imenso no coração. Como então eles morrem! Silenciosos, afastados de tudo. O que eles não gostavam nele era o fato de ser argelino. O camponês berbere pobre e ignorante. O colono. O soldado. O branco sem terras. (Ele gostava deles, desses sim, e não daqueles mestiços de

⁴⁸ Fundamental é a análise da obra *Comunidades Imaginadas*, de Benedict Anderson. No livro, o autor apresenta um excelente panorama histórico (eminentemente crítico) sobre o conceito de *nação*, revisando as teorizações de autores como Ernest Renan e Johann Von Herder. Em um dos capítulos, intitulado *Memória e esquecimento*, desenvolve reflexões sobre os apagamentos históricos já abordados neste trabalho. Ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

⁴⁹ CAMUS, A. *op. cit.*, p. 246.

⁵⁰ CAMUS, A. *Idem*, p. 256.

⁵¹ CAMUS, A. *Idem*, p. 261.

sapatos amarelos pontudos e lenços de seda no pescoço que tinham aproveitado apenas o que o Ocidente tinha de pior.)⁵²

Os trechos de Camus não apenas expõem o sarcasmo da colonização como lamentam o abandono da África (território onde as pessoas “morrem silenciosas, afastadas de tudo”) e o preconceito contra o berço argelino; ainda, há a denúncia do comportamento daqueles que “aproveitavam apenas o que o Ocidente tinha de pior”, sujeitos descritos à moda dos dândis, indiretamente acusados de explorar e roer as riquezas da terra, na contramão dos camponeses pobres, dos colonos, dos brancos sem terras – as vítimas do colonialismo, os argelinos que mereciam apreço. Acima de qualquer simplificação, é fato que a postura de Camus expressa nos fragmentos é mais explícita e complexa (se não do ponto de vista literário, da perspectiva da teoria pós-colonial) que os relatos de *O Estrangeiro* e *A Peste*. Se o eurocentrismo se faz presente, também aparece a crítica a tal modelo hegemônico – permanece vivo, portanto, o espaço conflitivo.

IV – (In) Conclusões: pátrias de todos, terras de ninguém

Jacques Cormery, no episódio da moeda de dois francos, adquire consciência de sua classe subalterna, consciência esta que permeia a narrativa e desemboca nos anexos, quando, de maneira crua e sucinta, a dominação argelina é desenhada por Camus - dado que, contrastado com o posicionamento político-institucional do autor em vida (analisado por Edward Said com o rigor metodológico e o cuidado intelectual que notabilizaram o teórico do *Orientalismo*) não soa inverossímil: há o contraditório, mas se existem pontos pacíficos entre os teóricos pós-coloniais, um deles é a ideia de que compete aos intelectuais descolonialistas aprender a trabalhar *com* as contradições, e não simplesmente refutá-las, condenando as incongruências. As pressuposições iniciais apresentadas por Peter Childs e Patrick Williams apontam em tal direção; por mais paradoxal que pareça, dizem os autores, há de se considerar o entendimento de Gayatri Spivak de que vivemos em um “neocolonizado mundo pós-colonial”,⁵³ um cenário pantanoso, de interrogações e minas terrestres.

⁵² CAMUS, A. Idem, p. 286-287.

⁵³ Os autores, discorrendo sobre a dimensão utópica das ideologias e das práticas intelectuais, afirmam: “If even unsavoury ideologies such as Fascism can project a Utopian aspect, how much more so sets of theories which are grounded in the histories and experiences of the formerly – or still – colonized world, and which articulate their aspirations? There is a form of perverseness in taking the label ‘post’ for a state which is not yet fully present, and linking it to something which has not fully disappeared, but in many ways that paradoxical in-betweenness precisely characterizes the post-

Ressoa, aqui, o mais famoso questionamento de Spivak: *Can the subaltern speak?* (Pode o oprimido/subalterno falar?). Considerado um dos textos fundadores da teoria pós-colonial, juntamente com *Orientalismo*, o artigo da autora indiana trata da desconstrução da empreitada imperialista a partir de marcos teóricos como Karl Marx e Jacques Derrida. Spivak desmascara as relações entre o capitalismo de mercado contemporâneo e os tentáculos do neocolonialismo, remexendo, para isso, as gavetas imperialistas. Explica o funcionamento empresarial da lógica colonizadora⁵⁴ e, provocativamente (em tom pessimista, como destaca Leela Gandhi), responde à indagação inicial com um sonoro “não”: os oprimidos não podem falar (o que não é um imperativo negativo, antes uma denúncia) porque a fala (a voz nas altas esferas políticas) pressupõe poder adquirido; consecutivamente, a conquista de poder por parte dos oprimidos desloca o eixo da problemática – os oprimidos podem se tornar opressores, continuando a máquina da dominação o seu incessante fabricar de desigualdades. Mal recebido por parte da teoria crítica, o artigo de Spivak deve ser entendido de modo menos apocalíptico e mais urgente: se alcançar as altas esferas do poder constituído não é uma tarefa fácil (tornar-se um cânone literário em sendo um escritor do “terceiro mundo”, por exemplo, rompendo as barreiras da “Literatura do Norte”), devem-se traçar diferentes estratégias: não objetivar a canonização absoluta ou a substituição de um cânone por outro, como alerta Jean-Marc Moura (é comum entre os teóricos pós-colonialistas a expressão “ortodoxia dos oprimidos”), mas *minar* o conceito de cânone, revendo-o criticamente por meio de ideias não arraigadas aos manuais universalizantes – a noção de que há outras literaturas para além do cânone universal (afinal, também o “universal” é localizado, fruto de um jogo de poder em que a neutralidade inexistente), cabendo aos pesquisadores a politização cotidiana dos estudos literários e a valorização dos falares periféricos.

colonial world. As Gayatri Spivak says, ‘We live in a post-colonial neo-colonized world.’ In: CHILDS, P.; WILLIAMS, P. *op. cit.*, p. 07.

⁵⁴ Escreveu Spivak: “*The contemporary international division of labor is a displacement of the divided field of nineteenth-century territorial imperialism. Put simply, a group of countries, generally first-world, are in the position of investing capital; another group, generally third-world, provide the field for investment, both through the comprador indigenous capitalists and through their ill-protected and shifting labor face. In the interest of maintaining the circulation and growth of industrial capital (and of the concomitant task of administration within nineteenth-century territorial imperialism), transportation, law and standardized education systems were developed – even as local industries were destroyed, land distribution was rearranged, and raw material was transferred to the colonizing country.*” Resumidamente, Spivak apresenta ao leitor o modo de funcionamento da máquina colonialista, a qual, nos casos argelino e moçambicano, partia de pressupostos como o eurocentrismo e, no plano literário, o culto às formas (estilos de época, etc.) dos países colonizadores. In: SPIVAK, Gayatri. *Can the Subaltern Speak?* Disponível no sítio: http://www.mcgill.ca/files/crclaw-discourse/Can_the_subaltern_speak.pdf. Acesso em 12/07/2014.

Nesse sentido, é inegável que ambas as obras que serviram de mote para este trabalho, *O Primeiro Homem* e *Terra Sonâmbula*, podem ser entendidas como críticas ao colonialismo – deliberadas (caso da segunda) ou não (as polêmicas discussões com relação à primeira e aos posicionamentos de Albert Camus). Tanto Jacques Cormery quanto Kindzu exercitam um olhar agudo para com a sociedade em que estão inseridos, conferindo voz (mesmo a ausência de voz, caso da mãe de Jacques, é carregada de significação) aos excluídos do poder metropolitano. A França, em *O Primeiro Homem*, está diretamente associada à morte de entes queridos e à pobreza dos argelinos que marcaram a infância do protagonista; o Moçambique, em *Terra Sonâmbula*, é uma espécie de pátria de todos e terra de ninguém – a seguinte passagem, envolvendo Kindzu e o indiano Surendra Valá, é preciosa para se compreender tal paradoxo:

Falar bem, escrever muito bem e, sobretudo, contar ainda melhor. Eu devia receber esses expedientes para um bom futuro. Pior, pior era Surendra Valá. Com o indiano minha alma arriscava se mulatar, em mestiçagem de baixa qualidade. Era verdadeiro, esse risco. Muitas vezes eu me deixava misturar nos sentimentos de Surendra, aprendiz de um novo coração. Acontecia no morrer das tardes quando, sentados na varanda, ficávamos olhando as réstias do poente reflectidas nas águas do Índico.

-Vês, Kindzu? Do outro lado fica a minha terra.

E ele me passava um pensamento: nós, os da costa, éramos habitantes não de um continente, mas de um oceano. Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria: o Índico.

E era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, romances antigos onde nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras. Essa era a raiz daquela paixão de me encasear no estabelecimento de Surendra Valá.

-Somos da igual raça, Kindzu: somos índicos!⁵⁵

Mia Couto condensa neste belíssimo trecho uma série de apontamentos importantes para os estudos descoloniais: a pressão metropolitana (eurocêntrica) no que tange à padronização elitista da cultura (Kindzu deveria receber um elevado padrão de educação não para libertar o pensamento e fundamentar a *práxis* vital, mas para se diferenciar dos demais moçambicanos – ter “um bom futuro” em uma terra de morte iminente), a crença racista de que a mestiçagem “polui”, a fragmentação simbólica das fronteiras e a desterritorialização enquanto poética e estratégia de sobrevivência (o Índico se converte em pátria, os mapas são redesenhados, o conceito de “raça” é levado pelas ondas e retrabalhado politicamente).

⁵⁵ COUTO, M. *op. cit.*, p. 25.

Albert Camus, por sua vez, desenha em *O Primeiro Homem* o sofrimento de uma Argélia desmemoriada e pobre revisitada por um “vitorioso” – alguém que saiu da colônia e conseguiu se estabelecer no coração da metrópole. Apesar disso, alguém que não naturaliza as agruras do colonialismo e se deixa compadecer pela miséria reencontrada – numa referência sutil à monumental obra de Marcel Proust, Jacques Cormery desnuda os caprichos da burguesia e, nos termos de Manuel da Costa Pinto, escancara a maneira predatória como a África vem sendo tratada, desde a Era das Navegações, pelos poderosos governantes da Europa:

A memória dos pobres já é por natureza menos alimentada que a dos ricos, tem menos pontos de referência no espaço, considerando que eles raramente saem do lugar onde vivem, e tem também menos pontos de referência no tempo de uma vida uniforme e sem cor. É claro que existe a memória do coração, que dizem ser a mais segura, mas o coração se desgasta com as dificuldades e o trabalho, esquece mais depressa sob o peso do cansaço. Só os ricos podem reencontrar o tempo perdido. Para os pobres, o tempo marca apenas os vagos vestígios dos caminhos da morte.⁵⁶

Tanto a estrada que leva Jacques Cormery a Argel (comparada ao câncer) como a *estrada morta*, em que Tuahir e Muidinga caminham sonâmbulos, guardam em suas entranhas os “vestígios dos caminhos da morte.” Na periferia do mundo, são estradas que podem não se entrecruzar com outras, mas que servem de condução para caravanas de discursos entrecruzados. Conclusões planificadas, em tão conflituoso terreno, são indesejáveis porque perigosas. Reavivar, desconstruir e confrontar as linhas de autores como Albert Camus e Mia Couto é o que sugere a crítica descolonial. O compromisso ético defendido ao longo de todo o arco teórico está literariamente diluído na voz embargada de Farida e no analfabetismo das mulheres argelinas. O olhar do leitor tem de dar a volta. Desnaturalizar o posto é um pressuposto para o caminhante – ecos antropológicos pelos campos de batalha. A autossuficiência tão cara à ciência positivista parece esmigalhada sobre a terra: as “tentações facilitadoras” de que fala Jean-Marc Moura podem mascarar o neocolonialismo intelectual, a crença em padrões fixos e teorizações inabaláveis. Como adverte Leela Gandhi, a teoria pós-colonialista não é capaz de abarcar a complexidade das emergências sociais; é um caminho entre outros tantos que merecem ser palmilhados – e o entendimento de tal limitação é também o convite para novas e deslocadas travessias. A literatura pode ser uma bússola. Mas se engana quem acreditar que o Norte se faz imutável.

⁵⁶ CAMUS, A. *op. cit.*, p. 81.

V – Referências bibliográficas

Obras gerais

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: theory and practice in post-colonial literatures*. Londres: Routledge, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas – Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BHABHA, H. K. (org). *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.

CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

CAMUS, A. *A Peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

CAMUS, A. *O Primeiro Homem*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

CHILDS, Peter; WILLIAMS, Patrick. *An Introduction to Post-Colonial Theory*. Londres: Prentice Hall, 1997.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada – 3. Rio de Janeiro: Abralic (Associação Brasileira de Literatura Comparada), 1996.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GANDHI, Leela. *Postcolonial Theory: a critical introduction*. Nova York: Columbia University Press, 1998.

MOURA, Jean-Marc. *Littératures Francophones et Théorie Postcoloniale*. Paris: PUF, 1999.

SAID, Edward. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, E. W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Mídias digitais

COUTO, Mia (entrevista). Programa Roda Viva. TV Cultura. 10 de julho de 2007. Disponível em http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/531/entrevistados/mia_couto_2007.htm. Acesso em 09/07/2014.

SAID, Edward W. Albert Camus, ou l'inconscient colonial. Le monde diplomatique, novembre 2000. Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr/2000/11/SAID/2555>. Acesso em 10/07/2014.

SPIVAK, Gayatri. Can the Subaltern Speak? Disponível em http://www.mcgill.ca/files/crclaw-discourse/Can_the_subaltern_speak.pdf. Acesso em 12/07/2014.
<http://www.00.gs/>